

A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO EXIGIDA NO ENEM SOB A PERSPECTIVA DA CRÍTICA CULTURAL

Jacira Maria Veloso dos Santos¹

Criado em 1998 com o objetivo de avaliar o desempenho do estudante ao fim da educação básica, o ENEM foi reformulado em 2009, visando abertura das oportunidades de acesso ao Ensino Superior. Para a elaboração do ENEM é usada uma matriz de competências. A palavra competência está ligada à capacidade do estudante de dominar a norma culta, compreender fenômenos naturais, enfrentar situações-problemas, construir argumentações consistentes e elaborar propostas que atentem para as questões sociais. A cada competência corresponde um conjunto de habilidades que seriam a demonstração prática dessas competências.

A matriz de referência traz um conjunto de 120 habilidades, sendo 30 para cada uma das áreas que compõem o exame; linguagens e códigos, ciências humanas, ciências da natureza e matemática. A matriz de referência de Redação não possui habilidades, porém conta com um conjunto de cinco competências específicas, bem como níveis de conhecimentos associados a elas:

- a) Demonstrar domínio da norma padrão da língua escrita;
- b) Compreensão da proposta de redação;
- c) Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista;
- d) Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários à construção da argumentação;
- e) Elaborar proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando os direitos humanos.

Antes de ser o exercício de uma competência, o ato de escrever é uma maneira de ocupar o sensível e dar sentido a esta ocupação. A escrita é o instrumento de poder ou a via real do saber. Dentre as cinco competências adotadas na avaliação do texto dissertativo-argumentativo que é exigido na prova de Redação do ENEM, a de número cinco, que pede uma “elaboração de proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando os direitos humanos”, é a mola propulsora de minha pesquisa.

¹ Mestranda no Programa de Pós Graduação em Crítica Cultural, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II. Endereço eletrônico: ci-veloso@hotmail.com.

Etimologicamente, o vocábulo “intervir” nos remete à ideia de atuar diretamente, agindo ou decidindo, e emitir, expor opinião. A partir disso, percebe-se a importância que a produção escrita nesse exame passa a ter na vida de uma juventude tão carente de ideais, de experiências.

A proposta de intervenção corrobora para que o educando atue diretamente na sociedade, oportunizando-o a se tornar um sujeito crítico, autônomo, dono de sua própria história, propondo atos de resistência, de enfrentamento às barbáries que nos assolam cotidianamente. Um dos mais importantes personagens, na construção dessa proposta de intervenção é o professor, indivíduo que apesar dos inúmeros contratemplos que os assolam, ainda é o grande incentivador do desenvolvimento das práticas discursivas dos nossos educandos. Estudar, questionar, investigar mais de perto as formas, as estratégias, e por que não dizer, os discursos que permeiam as estratégias usadas pelos professores no ensino às normas que compõem a proposta de produção textual do ENEM, o texto dissertativo- argumentativo, podem conduzir o educando a descoberta de que ele pode ser autor de sua própria história.

Como bem nos afirma Santiago (1936) “escrever é deixar a palavra falar sozinha, o que ela só pode fazer escrevendo” (p. 217). É preciso retificar noções do cotidiano e refletir sobre os conhecimentos construídos. É preciso se deter na “diversidade, ou melhor, na singularidade inimitável das escritas individuais” (GINZBURG, p. 161). O que se escreve fica, se transforma, viaja, seduz, encanta, questiona. É a função social da escrita em jogo.

No componente curricular Língua Portuguesa — Redação tem-se constatado a necessidade de se enfatizar a produção escrita que desenvolva as competências. Segundo dados divulgados pelas mídias em geral, nos últimos tempos, essa proposta de intervenção, isto é, a falta dessa proposta de intervenção, é o que tem ocasionado redações com notas mínimas e/ ou zeradas. Como os temas das produções são de cunho social, situado no contexto, é o momento do educando ser crítico e que pense em melhorias com nexos e não soluções vazias, sem propósito para o problema em questão.

É o momento de conscientizar o educando sobre o poder que a escrita possui. A escrita que transgride, que liberta os “dispositivos” que os agenciam. É preciso que se reconheçam como sujeitos de direitos, se manifestem com autonomia, em produções de discursos independentes. O educando não deve se limitar a propor uma tese sobre a temática. É preciso apresentar um parecer com uma resolução para a questão. Essa intervenção na esfera social precisa traduzir sua experiência sobre o mundo, sem transgredir valores como cidadania, liberdade, solidariedade, diversidade cultural. De acordo com Philip Perrenoud, competência é ter a capacidade de mobilizar recursos para tentar resolver algo. A escrita pode, nesse sentido, incluir ou excluir quem vai ingressar no Ensino Superior.

Uma proposta de intervenção na vida social deve refletir os conhecimentos de mundo, não rompendo com valores. Um parágrafo apenas em um texto que pode evidenciar uma visão crítico-político-estética do educando. Uma visão competente na escrita e, principalmente, na vida.

Mas, ser competente na vida é apenas saber estruturar um texto? Dominar a norma culta? Não. Ser competente, na verdade, é:

- a) se apropriar das ferramentas de poder;
- b) afirmar a vida;
- c) posicionar-se;
- d) evitar o estrangulamento da potência de criar, de intervir na sociedade;
- e) propor atos de resistência, de enfrentamento às barbáries da vida;
- f) perceber os despejos linguísticos, culturais e territoriais;
- g) saber dizer não.

Que essa proposta de intervenção se dê também em seu cotidiano como cidadão, na busca por uma participação mais efetiva na sociedade. Um crítico cultural deve fortalecer sua atitude crítica diante de um mundo tão desigual. Esse fortalecimento só pode se dar através de uma arma poderosíssima: a educação, que pode levar a um processo de desconstrução. Desconstruir para construir. Derrubar mitos e enxergar conceitos: raça, etnia, igualdade, identidade, aceitação, posicionamentos, dentro de uma sociedade machista e preconceituosa. Ativar a potência do pensar. Pensar é um ato de resistência, de enfrentamento. O desafio do pensamento contemporâneo é repensar através da linguagem. Ao escrever, o mundo passa a estar em nossas mãos. Absorvo, produzo discursos, rompo com um modelo que cada vez mais se impõe. Ao produzir meu discurso me posiciono, escapo da dominação imposta por anos de barbáries.

Barbáries que se escondem no dia a dia: negativismo, desemprego, violências, torturas, etc e que podem ser combatidas com uma mudança de postura: a atenção a tudo que nos rodeia, a fatos que podem parecer insignificantes, supérfluos, mas que podem abrir novas ideias, novos caminhos, novos rizomas.

REFERÊNCIAS

GINBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
INEP/MEC.ENEM. *Documento básico*. Brasília, 1999.

MEC/SEMTEC. *Parâmetros Curriculares Nacionais- Ensino Médio*. Parte I- Bases Legais. Brasília: 1999.

SANTIAGO, Silvano. Análise e Interpretação. In: *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. 2 ed. Rio de Janeiro, Rocco, 2000, p. 200-219.